

Influência das novas tecnologias na educação: linguagens, leitura e escrita

Hellen Cristine Almeida ⁽¹⁾

Data de submissão: 20/6/2019. Data de aprovação: 4/10/2019.

Resumo – No contexto da atualidade, à escola cabe a tarefa de auxiliar os alunos na construção do conhecimento crítico-reflexivo dentro de um universo tecnológico, onde a diversidade de informações e o leque de gêneros textuais constantemente construídos são notórios e desafiadores. É nessa conjuntura que o presente estudo foi desenvolvido, vislumbrando a tecnologia à luz de sua origem e essência, inserindo-a no contexto educacional e tecendo algumas considerações sobre as inovações tecnológicas e o tradicionalismo enraizado no sistema de ensino brasileiro. De modo geral, objetiva-se discutir a influência das novas tecnologias na educação. Para alcançar esse objetivo, foi traçada uma trajetória teórica, na qual foram tecidas algumas considerações sobre a formação de leitores eminentemente críticos, a intertextualidade e as oportunidades comunicativas que os gêneros textuais oferecem. Vislumbra-se também de que modo a linguagem escrita se manifesta nos novos gêneros textuais advindos da era tecnológica atual, contextualizando-se também o estudo em uma plataforma específica e de grande destaque por sua utilização por milhares de usuários nos dias atuais: o *WhatsApp Messenger*, elucidando o modo como se dá a escrita neste aplicativo de mensagem, num contexto de interação que permite que um leque de assuntos seja abordado simultaneamente, culminando com explicações sobre as influências de todo esse processo tecnológico na escrita.

Palavras-chave: Linguagem. Tecnologia. Gêneros textuais. Escrita.

Influence of new technologies on education: languages, reading and writing

Abstract - In today's context, the school has the task of assisting students in the construction of critical-reflexive knowledge within a technological universe, where the diversity of information and the range of constantly constructed textual genres are notorious and challenging. It is at this juncture that this study was developed, looking at technology in the light of its origin and essence, inserting it in the educational context and making some considerations about technological innovations and traditionalism rooted in the Brazilian education system. In general, the objective is to discuss the influence of new technologies on education. To achieve this goal, a theoretical trajectory was traced, in which some considerations were made about the formation of eminently critical readers, the intertextuality and the communicative opportunities that the textual genres offer. It is also glimpsed how the written language manifests itself in the new textual genres coming from the current technological age, also contextualizing the study in a specific platform and highlighted by its use by thousands of users today: *WhatsApp Messenger*, elucidating the way writing is done in this messaging application, in an interaction context that allows a range of subjects to be approached simultaneously, culminating with explanations about the influences of this whole technological process in writing.

Keywords: Language. Technology. Textual genres. Writing.

Introdução

O surgimento de novas linguagens a partir das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs, em um panorama com uma grande diversidade de áreas do

¹ Licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais e pós-graduanda em Linguística Aplicada na Educação pela Faculdade Única. *hellen_cristine@outlook.com

conhecimento, exige o estabelecimento de uma nova dinâmica sobre alguns elementos do desenvolvimento científico e tecnológico do mundo contemporâneo.

No intuito de resgatar esses elementos, permitindo dar uma dimensão mais ampla ao que será tratado neste texto, alguns aspectos exigem uma reflexão pormenorizada, haja vista a complexidade deste universo, no qual, por meio da linguagem, se permeia a relação do ser humano com a tecnologia e se constroem as interações entre os indivíduos.

Atualmente, falar em educação e não falar em tecnologia é praticamente impossível, haja vista que a sociedade, em geral, está permeada por esses aspectos, e que o desenvolvimento de tecnologias inovadoras proporcionou e constantemente continua proporcionando melhorias significativas na vida do homem, haja vista a importância das tecnologias móveis e seus aplicativos nas relações sociais e no cotidiano da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a escola é incumbida de novas tarefas, entre elas, a de auxiliar os alunos na construção do conhecimento crítico-reflexivo, dentro de um universo permeado pela tecnologia, onde a diversidade de informações e o leque de gêneros textuais constantemente construídos são notórios e desafiadores.

É nessa conjuntura que o presente estudo será desenvolvido. Inicialmente, a partir da etimologia a tecnologia será vislumbrada à luz de sua origem e essência. Em seguida, a evolução tecnológica será abordada no contexto educacional. Em um terceiro momento, haverá uma explanação sobre as inovações tecnológicas e o tradicionalismo enraizado no sistema de ensino brasileiro.

Após discorrer sobre o uso da tecnologia na escola, o foco do estudo será na formação de leitores eminentemente críticos. Para colaborar com a formação de leitores nesse sentido, o que se apresenta na sequência são algumas considerações sobre a intertextualidade e as oportunidades comunicativas que os gêneros textuais oferecem.

Por conseguinte, abordam-se as novas linguagens advindas da tecnologia, no intuito de vislumbrar como a linguagem escrita se manifesta nos novos gêneros textuais advindos da era tecnológica atual.

Após, a contextualização do estudo se dará em uma plataforma específica e de grande destaque por sua utilização por milhares de usuários nos dias atuais: o *WhatsApp Messenger*. Busca-se, neste momento, vislumbrar como a escrita ocorre no referido aplicativo de mensagem, num contexto de interação que permite que um leque de assuntos seja abordado simultaneamente.

Por fim, discorre-se sobre a influência das novas tecnologias na educação: linguagens, leitura e escrita, para que, após, sejam tecidas algumas considerações finais, seguidas das referências utilizadas para embasamento deste trabalho.

Tenciona-se, enfim, colaborar com o enriquecimento de estudos sobre o assunto, trazendo à baila um tema tão relevante, haja vista que a linguagem, como um sistema organizado de sinais que serve como meio de comunicação para que os indivíduos compartilhem suas experiências, aprendam e ensinem, é a base de todo e qualquer processo de interação.

Tecnologia à luz da etimologia: origem e essência

Em um primeiro momento, é preciso pensar sobre essa relação em um contexto histórico, o que irá colaborar para uma melhor compreensão sobre o assunto como um todo, tanto no universo da educação quanto em outras áreas do conhecimento.

Compreender a origem das palavras é conhecer sua essência. A etimologia, como parte da gramática que versa sobre história ou origem das palavras, por meio da análise dos elementos que as constituem, representa uma ótima maneira de entender os significados das palavras.

Etimologicamente falando, o termo “tecnologia” advém da junção de duas palavras de origem grega: *tekhne*, que significa “técnica, arte, ofício”, e *logos*, que se refere ao “conjunto dos saberes”. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2019).

A arte do fazer, aliada à capacidade do homem e às habilidades por ele desenvolvidas neste ato, concede à tecnologia o sentido de representar uma extensão dos sentidos do homem, tendo em vista que essa razão do fazer está intimamente relacionada à intencionalidade, aos sentidos e significados do que se faz.

“Como parte do desenvolvimento histórico da humanidade e com o surgimento da ciência moderna, a técnica passa a estar associada ao logos e não mais com o fazer, ou seja, com a razão do fazer”, complementa Pretto (2010, p. 161). Por conseguinte, como objeto de estudo constante da ciência e da engenharia, a tecnologia envolve vários instrumentos, técnicas e métodos, visando a resolução de situações problemáticas.

A princípio, a característica básica da relação do ser humano com as máquinas era essencialmente utilitarista-instrumental. A tecnologia surge fundamentalmente neutra, posta a serviço do homem, definida socialmente em função do uso que a ela será dado por ele.

Pretto (2010, p. 161) colabora afirmando que foi a partir do desenvolvimento da computação eletrônica – sobretudo com o surgimento e aperfeiçoamento dos transistores – que a tecnologia ganhou grande impulso, asseverando que “nos anos 80 e 90 o que vemos são essas máquinas, cada vez mais, aproximando-se daquilo que é a característica única dos seres humanos: a capacidade de operar com as ideias”. O que se depreende desta passagem é a tecnologia permeando o desenvolvimento da humanidade, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

Evolução tecnológica X educação

Na contemporaneidade, a facilitação da comunicação através da existência das redes pressupõe a busca pela diminuição das distâncias e a possibilidade da onipresença pela conectividade.

Conforme complementa Assolini (2016, p. 1), “a evolução tecnológica na sociedade contemporânea pode ser considerada a terceira grande transformação global na história da humanidade, após a neolítica e a industrial”, estando presente em todos os campos de conhecimento e desenvolvimento e sendo, portanto, notória sua forte influência no cotidiano das pessoas, trazendo inovação e praticidade.

A utilização das TDICs por professores e alunos no processo ensino-aprendizagem leva os atores envolvidos nesse processo a refletirem sobre o trabalho pedagógico que acontece na sala de aula, no que diz respeito ao uso dessa nova linguagem e à forma como os conteúdos são desenvolvidos.

Por conseguinte, no cenário educacional, o trabalho pedagógico desenvolve-se por meio de diferentes tipos de linguagens, como a oral, escrita, plástica, musical e, inclusive, a virtual, entre outras.

“Esta é mais uma ferramenta que pode contribuir positivamente para um aprendizado significativo, ou simplesmente ser utilizada dentro de uma perspectiva técnico-científica, para uma eficiência produtivista” (ASSOLINI, 2016, p. 1). O que se vislumbra nesta passagem é a possibilidade elencada pelo autor em conceber as TDICs apenas à luz da neutralidade.

Portanto, compreender como essa nova linguagem se relaciona com as demais e com os educandos em situações de aprendizagem é um grande desafio. Depreende-se também, contudo, que o ensino tradicional deixou marcas na sociedade, partindo do ideal de que o professor é o detentor do conhecimento, e o aluno, passivo, receptor desse conhecimento, sem interação, o que vem repercutindo, de certo modo, até os dias atuais.

Logo, uma das maiores dificuldades, senão a principal, para transformar os contextos de ensino à luz da incorporação das tecnologias diversificadas de informação e comunicação, é o fato de que a tipologia de ensino dominante na escola é centralizada no professor.

As inovações tecnológicas e o tradicionalismo enraizado no sistema de ensino brasileiro

A própria etimologia da palavra “inovação” mostra sua origem do latim *innovare*, que significa incorporar, trazer para dentro, inserir o novo, a novidade (PORTAL EDUCAÇÃO).

Contudo, referir-se às inovações tecnológicas inconscientemente conduz a refletir sobre os antigos problemas educacionais que, infelizmente, repercutem até os dias atuais. As ferramentas das quais a escola dispõe atualmente, para serem consideradas “inovadoras”, precisam romper com o tradicionalismo enraizado no sistema de ensino.

Um ensino inovador deve fundamentar-se no conhecimento prévio do aluno, dando-lhe espaço e voz ativa, para que assim ele visualize o caminho que percorrerá pelas malhas digitais, por meio da interatividade, até seu objetivo final.

Nesse ínterim, os profissionais da educação precisam refletir se as atividades que estão sendo propostas com as TDICs possibilitam ao aluno experiências, de fato, significativas. Para isso, alguns questionamentos podem ser feitos: Quais atividades poderiam interpelar o educando, instigando-o a sair da sua zona de conforto? Que mecanismos podem ser utilizados para tirar o aluno da mera condição de reprodutor de conhecimento, tornando-o ativo no processo de ensino-aprendizagem? Como é possível colaborar para oportunizar o deslocamento dessa condição passiva do aluno para a de protagonista de seu aprendizado, a partir das TDICs?

O uso da tecnologia na escola

Busca-se, neste momento, compreender de que modo o uso da tecnologia pode colaborar no processo de ensino-aprendizagem.

Reolo (2018) esclarece que o que se tem visto nos dias atuais é a substituição das vivências físicas pelas possibilitadas pelas virtuais, o que parece ser um caminho incentivado pelo mercado de consumo e também pelas grandes empresas que vendem tecnologia.

A autora discute em seu artigo intitulado “Como e por que usar tecnologia na escola”, publicado na Revista Nova Escola, em 2018, se o indivíduo já tem a capacidade de compreender na infância a diferenciação entre o virtual e o físico e qual o papel da escola nessa relação.

Já há muitas gerações, convivemos com equipamentos diferentes ao longo da vida. Desde o rádio, a televisão, o telefone, o celular e a internet, tivemos, cada um, vivências diferentes na descoberta do mundo com a presença dessas tecnologias ao nosso redor. Ou seja, nós aprendemos a nos relacionar com a tecnologia ao mesmo tempo em que aprendemos a nos relacionar com o mundo. Exploramos, testamos e criamos rotinas com esses aparelhos. E é a construção dessas rotinas que nós, adultos, devemos mediar para que crianças e adolescentes tenham um uso saudável, eficaz e com propósito da tecnologia (REOLO, 2018, p. 1).

Neste contexto, a escola tem um espaço privilegiado, elucida a referida autora, pois conta com a presença física, o toque, o afeto, e também possui forte influência sobre os alunos. Por isso, deve haver um cuidado maior com a prática docente, de modo a não beirar os extremismos, ou seja, a substituição de relações presenciais pelas relações virtuais ou a eliminação da exploração da tecnologia e do virtual.

Otto (2016, p. 6) complementa, afirmando que

Com o uso das tecnologias podemos ampliar este espaço, conhecendo não apenas o pequeno mundo em que se vive, mas buscando novos conceitos, linguagens, expressões. Trazendo novas metodologias de ensino, as tecnologias oferecem ferramentas que geram maneiras diferentes de ensinar. O uso das tecnologias assume uma função importante na educação, sendo necessária também uma análise dessa nova ferramenta de ensino com planejamento e controle.

Colaborando com este raciocínio, Reolo (2018, p. 1) afirma que é preciso ponderar que “a tecnologia está a serviço do conhecimento acadêmico, social e afetivo e deve pautar de forma equilibrada o planejamento da escola”. A mesma autora cita alguns exemplos de formas por meio das quais pode ocorrer o uso moderado da tecnologia em um trabalho escolar:

- Para ampliar e comparar as informações antes ou depois da vivência física: Utilizar o Google Earth, o Era Virtual (site de visitas virtuais à patrimônios culturais) ou o site de um museu é uma forma de ampliar o repertório, mas não substitui uma ida ao museu ou um estudo do meio (...).

- Para registrar a experiência: Fotografar e filmar é um dos usos mais práticos dos smartphones. Centralizar o armazenamento das fotos, para que vários olhares sobre a mesma experiência seja compartilhado e posteriormente discutido em grupo, é uma forma de verificar as várias percepções e pontos de vistas sobre os mesmos lugares (...).
- Para produção: Posteriormente à visita, ferramentas virtuais podem ser utilizadas para a construção de um material ilustrado, um jogo, um aplicativo ou outro produto coletivo como forma de registro da experiência (REOLO, 2018, p. 1).

A citada autora finaliza afirmando que, contudo, o mais importante é construir com as crianças o equilíbrio do uso das tecnologias, de modo que se tenha tempo para o virtual e para o presencial, uma vez que a dependência do uso se dá quando não se percebe quando existe ou não necessidade de usar a tecnologia.

Colaborando para a formação de leitores eminentemente críticos

Nesse momento, instala-se o que pode ser considerada uma contribuição neutra da chamada inovação tecnológica para a formação de leitores que sejam, de fato, eminentemente críticos.

Para ampliar essa discussão, há de se concordar com Assolini (2016), quando a autora destaca que o conhecimento e a convivência com as diferentes linguagens são condições fundamentais para a construção de propostas pedagógicas que possam, efetivamente, contribuir para a formação de sujeitos capazes de não só entendê-las, mas também interpretá-las

Nesse viés, por meio de propostas pedagógicas bem fundamentadas e inovadoras, considera-se essencial oportunizar aos alunos o exercício da “desconfiança” e a produção de diferentes sentidos diante de diferentes linguagens, com base em sua memória de sentidos e de acordo com seu nível de letramento.

“Desconfiar” do que se lê é buscar a veracidade da informação, estando em alerta para a qualidade da mesma. Nesse ínterim, uma leitura eminentemente crítica é importante para a formação de opinião dos leitores e para a construção da identidade dos mesmos.

Ao ler um texto, independente de sua tipologia, o leitor precisa estar atento à sua veracidade, qualidade e exatidão, sendo capaz de julgar os argumentos apresentados, manifestando-se contra ou a favor de ideias, posturas, interpretações ou intervenções.

Neste sentido, é importante ressaltar que na escola muitas vezes as atividades partem de textos que são impostos e leituras descontextualizadas, resumindo-se, não raras vezes, a exercícios gramaticais.

Uma alternativa para colaborar com a melhoria deste cenário é a criação do hábito da leitura por meio de gêneros textuais diferenciados, trabalhando com o conhecimento prévio do aluno, permitindo a interação de conhecimentos e promovendo uma aprendizagem significativa.

Intertextualidade: as oportunidades comunicativas que os gêneros textuais oferecem

Enquanto ser social, o leitor relaciona seu conhecimento de mundo com a leitura e assim, com o passar do tempo, estabelece relações e vai ampliando seu repertório textual.

Logo, a interação das condições internas e subjetivas e das externas e objetivas é fundamental para o desencadeamento e desenvolvimento da leitura.

Como elementos dinâmicos, que se modificam, desaparecem e surgem novos devido à necessidade sociocultural de um povo, os gêneros textuais levam a refletir sobre a ligação que existe entre um texto e outro, o que se chama de intertextualidade, afirmada por Marcuschi (2003) quando o autor assevera que um texto dialoga com outros textos. E é assim que cada texto é construído, como um mosaico de citações, absorção e transformação de outro texto.

Os gêneros textuais contribuem para a ordenação e estabilização das atividades comunicativas do dia a dia, constituindo-se como instrumentos enrijecedores da ação criativa.

Diante disso, para que o leitor assuma um papel atuante, ele não pode apenas decodificar o texto, posicionando-se como um mero receptor passivo nas leituras, mas deve engajar-se no

universo textual, estabelecendo relações com outros textos, constituindo-se como sujeito ativo na construção de significados.

A partir da leitura, as pessoas vão ampliando seu mundo e, além disso, vão se conhecendo mais. O ato de ler está permeado pela reflexão crítica, sendo esse um processo de conhecimento e formação cultural. Aprende-se a ler a partir de determinado contexto pessoal, o que, por vez, deve ser devidamente valorizado.

Para Bakhtin (1992), todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua, a qual se efetua em forma de enunciados, sejam orais, sejam escritos, concretos e únicos, formulados por integrantes de diferentes esferas.

Neste contexto, a diversidade das atividades exercidas por variados grupos sociais e as produções de linguagem a elas relacionadas atestam a necessidade de uma competência comunicativa inerente a todo falante.

A escola, como um ambiente em que se atua em diferentes esferas de atividades, exige uma forma específica de atuar com a linguagem. Assim, cada uma dessas esferas exige, por conseguinte, uma forma particular de uso da linguagem, um gênero diferente de discurso.

Bakhtin (1992, p. 279) considera que as produções de linguagem são infinitas, mas organizadas, e que os gêneros constituem “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Seguindo este raciocínio, a escola representa, para muitos leitores iniciantes, o ambiente de primeiro contato com a leitura. Logo, à instituição de ensino cabe preparar o aluno, utilizando práticas pedagógicas competentes, como sujeito de sua própria história, crítico e atuante no meio social.

É neste momento que a intertextualidade é ressaltada. A instituição precisa trabalhar com seus alunos uma diversidade de gêneros que permitirão aos docentes uma reflexão crítica.

Conhecimento de mundo, vivências e experiências: são essas as palavras-chave nos primeiros anos de escolarização, momento em que a criança vai se familiarizando com os textos e reconhecendo-os em determinado contexto social.

Percebe-se, neste sentido, que a leitura de um texto precisa necessariamente fazer ligações com outras leituras para que haja, de fato, a compreensão. Daí a importância de leituras interessantes e motivadoras, com as quais o aluno conseguirá relacionar suas vivências e lembranças, percorrendo o caminho do entendimento textual e, ao mesmo tempo, mesmo que talvez inconscientemente, revendo suas opiniões e construindo seu repertório.

Logo, os gêneros não se substituem, mas surgem de acordo com a necessidade humana. Ocorrem por meio de mudanças sócio-históricas e culturais e são interpretados de acordo com o conhecimento prévio de cada indivíduo.

Para Koch (2002, p. 61), “todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não de um único sentido, e que todo texto é plurilinear na sua construção”. O que se depreende na fala da autora é a pluralidade de sentidos que a leitura oferece.

Nesse ínterim, inserido na sociedade, o sujeito interage por meio das oportunidades comunicativas que os gêneros textuais oferecem. Contudo, essa manifestação é subjetiva, uma vez que cada sujeito organiza os elementos de expressão de acordo com o conhecimento adquirido no meio social.

Para Bazerman (2007, p. 23), “gêneros podem assinalar para nós a situação e a ação, projetando o contexto invisível. O leitor e o escritor precisam do gênero para criar um lugar de encontro comunicativo legível da própria forma e conteúdo do texto”.

Assim, compreendido através da interação, o texto representa o “território” a partir do qual o leitor poderá, de acordo com sua história, apropriar-se de múltiplas e variadas maneiras de leituras.

Novas linguagens advindas da tecnologia

Novas formas de pensar, de agir e de se comunicar são introduzidas constantemente como hábitos cotidianos, mediados por múltiplas e sofisticadas tecnologias.

As tecnologias invadem os espaços de relações, mediatizando-as e inserindo os indivíduos em um realismo presente nos meios tecnológicos e de comunicação. Por meio da tecnologia são vencidas barreiras geográficas e criadas aproximações culturais, uma vez que as distâncias e os espaços intermediados tendem a ser reduzidos por um simples toque na tela.

Essas mutações contemporâneas trazem para o debate a velocidade do surgimento de informações e da renovação destas, dos dados e redes que se criam e interconectam.

Contudo, faz-se necessário refletir sobre as implicações do uso da tecnologia na coordenação de sentidos, percepções e sensações à leitura e à escrita, uma vez que são construídas interfaces entre os sujeitos de aprendizagem, e destes com as informações e conhecimentos presentes tanto nos currículos escolares quanto nas tecnologias e vivências de seu dia a dia.

Aos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, atentos às novas demandas que a tecnologia leva para o ambiente escolar, cabe refinar o uso da linguagem oral e escrita tradicionalmente trabalhada em sala de aula, explorando outras linguagens, como a musical, a literária, a expressão corporal, a cinematográfica, a televisual, haja vista o amplo e diversificado leque de linguagens presentes na sociedade atual, que pode colaborar com a abordagem de novos conhecimentos, além de possibilitar e facilitar a comunicação humana, a interação entre os indivíduos e a manifestação de sentimentos e saberes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata a tecnologia como uma competência que deve atravessar todo o currículo de forma a privilegiar as interações multimidiáticas e multimodais, proporcionando uma intervenção social, de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolvendo problemas. (GAROFALO, 2018, p. 1).

Na era digital, as inovações tecnológicas atingem diretamente as atividades relacionadas à leitura e à escrita, uma vez que permitem um redimensionamento nas ações de produção/reprodução e a difusão dessas habilidades da língua, fazendo com que surja a necessidade de se conhecer as nuances próprias e as múltiplas formas de realização da língua.

Partindo do pressuposto da importância das tecnologias móveis e seus aplicativos nas relações sociais e no cotidiano da sociedade contemporânea, seguindo a trajetória de reflexões teóricas propostas neste estudo, faz-se necessário aprofundar as discussões sobre a utilização do aplicativo *WhatsApp Messenger* como ferramenta pedagógica pela facilidade de aquisição, podendo ser baixado em todos os celulares com sistema Android, Windows phone, IOS, e também por ser um aplicativo popular entre os adolescentes, em geral, permeando os gêneros discursivos neste contexto, de modo a elucidar como se dá a escrita neste aplicativo de mensagem, num contexto de interação que permite que um leque de assuntos seja abordado simultaneamente.

A escrita em um aplicativo de mensagem: *WhatsApp Messenger*

No contexto educacional, as TDICs trazem para a sala de aula novos desafios e novas maneiras de aprender, sobretudo as tecnologias móveis, como o celular e tablet, por exemplo, que permitem aprender em diferentes espaços.

Logo, utilizar essa tecnologia móvel para aprimorar a pesquisa, incentivar os alunos a buscarem o conhecimento e, principalmente, a descobrirem novas formas de aprender, é contribuir para a construção da autonomia, da criatividade e da liberdade.

Feliciano (2016, p. 3) complementa afirmando que

A tecnologia móvel permite que o “aprender” se torne mais atraente e prazeroso, porque cria novas possibilidades e não se limita apenas a sala de aula, independente do espaço que estiver, seja junto ou separado, on-line ou off-line, os conteúdos podem ser acessados e também compartilhados.

O aplicativo de mensagens *WhatsApp Messenger*, gratuito e disponível para Android e outras plataformas, utiliza a conexão à internet para enviar mensagens e fazer chamadas.

Como plataforma de mensagens instantâneas, “o *WhatsApp* assumiu a liderança do ranking de aplicativos mais usados do mundo em celulares”, segundo Alves (2019, p. 1).

Nesse aplicativo, em poucos minutos é possível haver uma intensa troca de informações, por meio de enunciados curtos que podem portar diversos temas, tecendo diálogos e construindo interações.

Em uma sequência do tempo marcado, diálogos são cruzados, mas compreendidos, mesmo que não sigam uma ordem canônica. Contudo, não são diálogos sequenciais, compostos por enunciados imediatamente respondidos, não apresentando linearidade. O que se nota é uma subversão da ordem em relação ao uso do lápis sobre o papel, conduzindo o escritor a novas formas de pensar e dialogar. Nessa plataforma de mensagens, a linguagem é utilizada por um sujeito em seu processo de comunicação, considerando seus conhecidos ou prováveis interlocutores.

Para Bakhtin (1992), a linguagem é uma criação cultural viva, pois transcorre na interação social, de acordo com as condições materiais e históricas de cada tempo. Assim, o fato marcante da linguagem é ser dialógica, impregnada de valores, de modo que estes últimos variem conforme o contexto em que se dá a comunicação.

Ao utilizar o dispositivo móvel – o smartphone – e o aplicativo *WhatsApp* se estabelece uma relação de ensino e de aprendizagem da linguagem escrita, na qual a linguagem escrita é apropriada por quem a produz em situação real de comunicação, de diálogo, com toda sua complexidade e funções.

O emprego de palavras abreviadas e isoladas ocorre em uma rede de comunicação na qual os recursos oferecidos pelo teclado virtual – letras, sinais, palavras prontas – permitem que a atenção de quem escreve seja direcionada à elaboração de enunciados, em vez de haver a preocupação com a relação grafema/fonema ou com a forma da letra.

Além disso, números, letras minúsculas, maiúsculas, sinais, ícones e recursos de marcação passam a ser utilizados para compor enunciados que manifestam a linguagem da vida no contexto em que se dá cada interação, permitindo que um leque de assuntos seja abordado simultaneamente.

O que se vislumbra, nesse sentido, é a autonomia advinda da utilização desse aplicativo no contexto pedagógico, permitindo a interação entre grupos de estudo e também uma maior aproximação entre professor e aluno.

Feliciano (2016, p. 4) elucida que

Essa aproximação entre o professor e o aluno mediada pela tecnologia é interessante, porque permite que o professor deixe de lado um pouco a rigidez imposta pela sala de aula e assumo o papel de mediador intelectual ético e emocional dos alunos, e também é detentor de um tempo maior para esclarecer as dúvidas, e também nessa mediação os laços afetivos entre o professor e o aluno são mais fortalecidos porque estão em contato permanente.

Em seu trabalho, a autora ressaltou a evolução dos alunos no processo de interação, tanto no grupo criado no aplicativo *WhatsApp*, para discutir os assuntos que seriam trabalhados em sala de aula, como na própria sala de aula, por observar que alguns alunos tinham vergonha de expressar suas opiniões.

Feliciano (2016, p. 5) observou que, depois que os alunos começaram a participar no grupo do *WhatsApp*, eles “passaram a se manifestar na sala de aula, defender seus pontos de vista e contribuir trazendo informações novas referentes ao tema estudado no grupo, na sala de aula, e outro tema pertinente e relevante para o conhecimento dos alunos”.

Nesse sentido, Costa (2007) destaca que o professor deve aproveitar as potencialidades das ferramentas digitais como um importante recurso pedagógico, tendo em vista que essa tecnologia móvel está presente na vida de todos os educandos.

A referência geral é que, em cada ano de ensino, o professor deve contemplar gêneros que lidam com informação, opinião e apreciação, gêneros multissemióticos e hipermidiáticos, próprios da cultura digital e das culturas juvenis. As formas também são diversas, como ações e funções que podem fazer parte de atividades de uso e reflexão: curar, seguir/ser seguido, curtir, comentar, compartilhar, remixar entre outros. (GAROFALO, 2018, p. 1).

As interações que ocorrem nos aplicativos de mensagens estão estritamente ligadas ao desenvolvimento das capacidades de linguagem dos participantes, uma vez que esse processo envolve a mobilização e escolha da forma de se comunicar.

A discussão referente à adequação comunicativa, tanto escrita quanto oral é problematizada ao perceber que determinadas práticas de linguagem devem ser compatíveis ao gênero e sua esfera de circulação. (BAKHTIN, 1992).

De fato, a linguagem deve ser ensinada de acordo com parâmetros reais e trabalhada através de questões que vão além de registros linguísticos, observando-se os contextos socioculturais e históricos.

Contudo, a escrita não tem papel apenas como registro da história humana, pois sua influência na cultura vai muito além. O que se materializa no papel serve como referência para a escrita da história futura.

Costa et al. (2013, p. 8) elucidam que “a leitura está diretamente ligada ao formato da escrita e novas formas de escrita surgem a cada evolução tecnológica. A escrita renasce e surge impressa e bem mais tarde virtualizada”.

A evolução da tecnologia: influências na escrita

O processo da escrita foi desenvolvido conforme foram surgindo alterações significativas nas sociedades orais. A princípio, “as linguagens orais eram assinaladas por serem arquivadas e lidas, características determinadas pelo gênero, pelo emprego de prevenção da memória, pelo formato de atendimento e pelos endereços”. (ARAÚJO, 2017, p. 1).

Muitos estudos abordam a evolução da linguagem escrita como forma de expressão do homem desde a antiguidade até os dias atuais.

A escrita e a leitura fazem parte de nosso cotidiano, de tal forma que hoje parece bastante difícil imaginar nossas vidas sem a linguagem verbal, a não verbal e suas variações. É indiscutível a importância da escrita para a evolução das sociedades ao longo do tempo e para a construção da atualidade, sem deixarmos de invocar a história dos registros escritos. (ARAÚJO, 2017, p. 1).

Contudo, devem ser observadas as probabilidades de comunicação, sobretudo as existentes na atualidade, haja vista que nas últimas décadas as inovações tecnológicas demonstraram-se definitivas para a revolução apontada pela metodologia digital.

Se a escrita pressupõe a existência da linguagem falada, na era atual a tela dos computadores, tablets, smartphones, entre diversas ferramentas tecnológicas já disponíveis ao toque dos dedos, constitui um novo ambiente de grafia.

A escrita nessas ferramentas, contudo, permite o cultivo de um texto distinto do que é desvelado, construído no papel, “assinalado pelo multilinear período, onde a multisequencialidade são permitidas por nós e links, sem que exista uma resolução pré-estabelecida”. (ARAÚJO, 2017, p. 1).

Para a mesma autora, a contemporaneidade vem delineando um mundo com novos limites ou, talvez, sem limites. No ciberespaço, ambiente no qual a produção do conhecimento humano e a informação acontecem, são construídas e desconstruídas o que a autora denomina “redes vivas” de todas as memórias informatizadas.

A escrita não tem papel apenas como registro da história humana e influência na cultura vão muito além. De tal forma, que o seu papel serve como referência para a escrita de nossa história futura. Ao longo da história, a escrita deixou de ser uma representação de uma idéia ou a transcrição da oralidade, revelando multifacetada, influenciada também pelos progressos tecnológicos, como a invenção da imprensa, que possibilitou a reprodução de textos em larga escala (ARAÚJO, 2017, p. 1).

Neste contexto, as informações não estão mais limitadas a pequenos grupos de indivíduos.

Uma vez que a leitura está diretamente ligada ao formato da escrita e novas formas de escrita surgem a partir da evolução tecnológica, nessa nova era a leitura assume uma versão virtualizada, na qual há uma notável mudança nos padrões de comportamento de escritores e leitores, que se veem diante de verdadeiras janelas de textos, representados na forma de hipertextos, a renovação e, quiçá, o renascimento da escrita.

Costa et al. (2013, p. 8), citados por Araújo (2017), consideram “as novas tecnologias como ferramenta para as novas práticas incentivadoras da produção textual e efetivação das práticas da escrita. A escrita é uma invenção decisiva para a história do ser humano”.

No entanto, a tecnologia permite que novos modos de produção, de ensino e comunicação sejam formados, trazendo novos gêneros textuais no contexto da mídia virtual.

A este respeito, Garofalo (2018, p. 1) denomina gêneros digitais como

grandes ferramentas educacionais para o processo de ensino e aprendizagem. Os gêneros possibilitam interação, através do estudo desses enunciados e contato com condições e finalidades específicas, não apenas do currículo, mas também pelo estilo de linguagem. Isso faz com que não apenas a disciplina de Língua Portuguesa seja privilegiada, mas sim todas as áreas do conhecimento.

Em contexto, a autora complementa afirmando que “os gêneros digitais, portanto, podem ser variáveis, versáteis e transmutáveis, estando em constante evolução”. (GAROFALO, 2018, p. 1).

Assim, diferentes tipos de recursos tecnológicos e gêneros digitais podem ser utilizados como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem na educação contemporânea, tendo em vista que a criatividade do homem fez com que surgissem, gradativamente, as mais diferenciadas tecnologias.

“Com a nova configuração dos gêneros, teremos muitas mudanças, principalmente nos livros didáticos, que estarão sofrendo alterações, para atender e mesclar a cultura juvenil e incorporar os gêneros digitais, sem perder sua importância e essência na aprendizagem”, assevera Garofalo (2018, p. 1).

Todo esse processo gera um acúmulo de conhecimento, e também conduz a uma reflexão sobre o uso formal da linguagem nas novas formas de comunicação trazidas pela tecnologia com a evolução do homem e da sociedade.

O campo tecnológico tem tomado uma dimensão grandiosíssima ao longo dos anos. As escolas, no entanto, por ser parte indissociável desta sociedade crescente sentiram a necessidade de obter-se também do uso das tecnologias como uma ferramenta de difusão e propagação da educação (ARAÚJO, 2017, p. 1).

Neste ínterim, faz-se necessária, no contexto escolar, uma articulação entre a prática, a reflexão, a investigação e as teorias de modo a promover transformação na ação pedagógica.

Araújo (2017, p. 1) ressalta que são diversas as contribuições dos recursos tecnológicos para o processo de ensino-aprendizagem, entre as quais destaca-se: “a modificação expressiva da função do educando, que nesse mundo de conhecimentos, nessa imensa rede interativa, passa a se tornar sujeito da própria formação, frente à distinção e riqueza das novas áreas de conhecimento dos quais deverá compartilhar”.

Garofalo (2018, p. 1) comenta sobre as mudanças na linguagem e nos diálogos a partir dos gêneros digitais:

A comunicação, o diálogo, em si, passam por uma mudança. As redes sociais estão repletas de gêneros, sendo que o mais comum é o post. Este pode ser marcado por linguagem informal ou formal, dependendo de seu objetivo, tendo, inclusive, alguns emoticons que compensam a ausência da entonação e facilitam a comunicação verbal e nossa interação.

Cozendey (2013), em seu artigo intitulado “A língua portuguesa das redes sociais”, esclarece que a necessidade de se comunicar é inerente a todo e qualquer ser humano, mesmo antes de existir a escrita e a fala. Segundo a autora, muitas pessoas têm medo de falar e escrever errado, principalmente em público. Porém, esse medo parece desaparecer nas redes sociais, talvez por falta de oportunidade de aprender corretamente a norma culta da língua, esclarece, ou até mesmo por ter aprendido, mas por esquecimento.

Garofalo (2018, p. 1) colabora com esse entendimento, afirmando que

Os gêneros digitais diminuem a distância entre o professor e os alunos, permitindo que novas práticas e atividades sejam desenvolvidas para aguçar a leitura e a escrita. Por consequência, temos uma ampliação de formas comunicativas que, devido a sua estrutura, podem variar de acordo com o histórico social e campo tecnológico.

“Nas redes sociais, é muito fácil perceber esses erros ortográficos. As redes são espaços informais, e, por isso, as pessoas não tomam o cuidado necessário com a nossa inculta e bela flor do Lácio, como chamava o escritor Olavo Bilac a nossa língua materna”. (COZENDEY, 2013, p. 1).

Neste contexto, cabe aqui uma breve ressalva quanto às diferenças entre a língua escrita e a falada, destacando que na língua escrita existe um tempo e espaço para produção. Portanto, a língua escrita tende a ser mais cuidada, tensa e formal que a língua falada. Na sociedade, o papel da língua escrita acentua a tendência formalizante.

Contudo, o que se verifica é que, embora os meios tenham sido transformados, a estrutura de comunicação e a forma com a qual o ser humano se expressa continuam seguindo parâmetros que estabelecem e são permeados por uma relação dialógica com formas textuais preexistentes.

Isso pode ser observado nas composições das mensagens instantâneas. Ao iniciar um diálogo, o indivíduo tem em mente a realização de uma pergunta sobre a pessoa, cumprimentando-a, e finalizando com uma despedida, respeitando, contudo, tipologias ou gêneros e níveis de linguagem.

De fato, esses novos gêneros têm influenciado as práticas de leitura e escrita digitais, causando um grande impacto nos processos de comunicação e trazendo dinamismo à comunicação digital.

Portanto, é importante conhecer as contribuições do uso destes recursos no processo de ensino-aprendizagem, colaborando para o desenvolvimento da autonomia, atitude positiva, aptidão de aprender novas habilidades, assimilação de novos conceitos, exercitando a criatividade e a criticidade.

Não se pode deixar, contudo, de reconhecer a riqueza da norma culta da língua e sua importância para o acesso à participação social em diferentes contextos e à plena cidadania, bem como a significância da linguagem como veículo de informação científica e tecnológica.

Considerações finais

As tecnologias, no âmbito escolar, abrangem o princípio de que existe um leque de ferramentas e possibilidades disponíveis que podem contribuir para a construção do aprendizado, visando o desenvolvimento e fortalecimento de práticas que utilizem as tecnologias de informação e comunicação.

Ressaltou-se neste estudo, entre outros aspectos, como é importante trabalhar com o conhecimento prévio do aluno, permitindo a interação de conhecimentos e promovendo uma aprendizagem significativa, haja vista a diversidade das atividades exercidas por variados grupos sociais e as produções de linguagem a elas relacionadas, que, de fato, atestam a necessidade de uma competência comunicativa inerente a todo falante, fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos.

Para isso, buscando constante aperfeiçoamento, o professor precisa sempre atualizar-se sobre atividades que venham a interpelar o educando, instigando-o a sair da sua zona de conforto.

Os gêneros textuais, na atualidade, assumem um caráter cada vez mais dinâmico, uma vez que se modificam, desaparecem e surgem de acordo com a necessidade sociocultural de cada povo, podendo ser caracterizados como variáveis, versáteis e transmutáveis.

Assim, a riqueza de gêneros textuais advindos da tecnologia e a variedade de recursos tecnológicos podem oportunizar o deslocamento dessa condição passiva do aluno para a de protagonista de seu aprendizado.

Apesar de se notar uma subversão da ordem em relação ao uso do lápis sobre o papel, o que conduz o escritor a novas formas de pensar e dialogar, nas novas plataformas de comunicação, a linguagem é utilizada por um sujeito em seu processo de comunicação, considerando seus conhecidos ou prováveis interlocutores, demonstrando que a escrita nessas ferramentas é permeada pelo cultivo de um texto distinto do que é desvelado, construído no papel.

As interações que ocorrem nos aplicativos de mensagens, como, por exemplo, no *WhatsApp Messenger*, objeto deste estudo, estão estritamente ligadas ao desenvolvimento das capacidades de linguagem dos participantes, uma vez que esse processo envolve a mobilização e escolha da forma de se comunicar.

O que se observa, contudo, é uma mudança nas formas de comunicação e diálogo, uma vez que as redes sociais estão repletas de uma variedade de gêneros, marcados pela utilização de linguagem informal ou formal, dependendo de seu objetivo, onde emoticons podem vir a compensar a ausência da entonação e facilitar a comunicação verbal e a interação.

Contudo, isso não desmerece a importância dos gêneros textuais na reflexão sobre a ligação que existe entre um texto e outro, desvelada na intertextualidade, nem tampouco a riqueza da norma culta da língua portuguesa e sua importância para o acesso à participação social em diferentes contextos e à plena cidadania.

As novas elocuições produzidas nos ambientes virtuais de comunicação denotam que é possível trabalhar em sala de aula diversas linguagens, como a musical, a literária, a expressão corporal, a cinematográfica, a televisual, entre outras.

Neste íterim, faz-se necessária, no contexto escolar, uma articulação entre a prática, a reflexão, a investigação e as teorias de modo a promover transformação na ação pedagógica, de modo que se colabore com o desenvolvimento da autonomia, atitude positiva, aptidão de aprender novas habilidades, assimilação de novos conceitos, exercitando a criatividade e a criticidade.

A relação entre professor e aluno, mediada pela tecnologia, permite o abandono da rigidez e do tradicionalismo e o fortalecimento do papel mediador do professor, favorecendo a aproximação dos mesmos.

É nesse sentido que o professor deve aproveitar as potencialidades das ferramentas digitais como um importante recurso pedagógico, tendo em vista que os gêneros digitais contribuem com a diminuição da distância entre professor e aluno, ampliando as formas comunicativas.

Espera-se, enfim, que o presente trabalho contribua com o enriquecimento dos estudos sobre o assunto, colaborando para o desenvolvimento científico e tecnológico do país,

enfazendo a linguagem – sistema organizado de sinais que serve como meio de comunicação para que os indivíduos compartilhem suas experiências, aprendam e ensinem – como base de todo e qualquer processo de interação.

Referências

ALVES, Paulo. **WhatsApp supera o Facebook e é o aplicativo mais popular do mundo**. Jan. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/01/whatsapp-supera-o-facebook-e-e-o-aplicativo-mais-popular-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ARAÚJO, Ana Lucia Rodrigues de. **A evolução da tecnologia e sua influência na escrita**. Maio 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-da-tecnologia-e-sua-influencia-na-escrita/151001>. Acesso em: 19 jun. 2019.

ASSOLINI, Elaine. Linguagem e Tecnologia: implicações práticas no contexto escolar. **Revista Revide**. Nov. 2016. Disponível em: <https://www.revide.com.br/blog/elaine-assolini/linguagem-e-tecnologia-implicacoes/>. Acesso em: 13 jun. 2019.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

COZENDEY, Raquel. **A língua portuguesa das redes sociais**. 2013. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/educacao/nas-pracas-conhecimento/a-lingua-portuguesa-das-redes-sociais-9165170.html>. Acesso em: 28 set. 2019.

COSTA, Rosimeri Claudiano da; SILVA, Renato da & VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. A evolução e revolução da escrita: Um Estudo Comparativo. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVII, N. 11. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2013.

FELIANO, Léia A. dos Santos. **O uso do Whatsapp como ferramenta pedagógica**. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. 2016. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467587766_ARQUIVO_ArtigoAGB.pdf. Acesso em: 28 set. 2019.

GAROFALO, Débora. Como usar os gêneros digitais em sala de aula. **Revista Nova Escola**. Jun. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11857/como-usar-os-generos-digitais-em-sala-de-aula>. Acesso em: 28 set. 2019.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO A. et al. (orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

OTTO, Patrícia Aparecida. **A importância do uso das tecnologias nas salas de aula nas series iniciais do Ensino Fundamental I**. Universidade de Santa Catarina. 2006. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/168858/TCC_otto.pdf?sequence=1. Acesso em: 5 maio 2019.

PORTAL EDUCAÇÃO. **O que é tecnologia?** Disponível em:
<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/informatica/o-que-e-tecnologia/48269>.
Acesso em: 10 jun. 2019.

PRETTO, Nelson de Luca. Linguagens e Tecnologias na Educação. In: **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. DP&A, 2010.

REOLO, Jane. Como e por que usar tecnologia na escola. **Revista Nova Escola**. Mar. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4785/blog-tecnologia-como-e-por-que-usar-tecnologia-na-escola>. Acesso em: 3 jun. 2019.